

“Queques queimados”: jovem de 19 anos alvo de insultos racistas

Micaela Henriques tem dezenas de vídeos gravados ao longo do tempo. Num deles, de 2016, a vizinha agride a mãe com um pau, deixando-lhe a cabeça ensanguentada. Em causa está a disputa sobre um quintal

Lourinhã Henrique Martins

Micaela Henriques tem 19 anos, é estudante universitária e vive sozinha na Lourinhã. Desde Maio deste ano que não vive em casa, por se sentir aterrorizada pela vizinha da frente, que em 2016 lhe ocupou o quintal e a intimidou com insultos e provocações racistas. O caso ganhou notoriedade quando a jovem publicou um apelo este Verão na rede social Instagram a expor a situação, juntamente com vídeos e imagens das agressões.

Na sala de estar, separada do quintal por uma parede, Micaela fala baixo e rápido, interrompendo frequentemente quando ouve vozes lá fora. À terceira vez, explica-se: “Desculpa, isto é o meu hábito... Se alguém fala, tenho de parar para perceber quem é”. Frequentemente, a vizinha e a filha posicionam-se do lado de fora e a jovem refugiava-se dentro de quatro paredes. A casa é húmida e fria, uma vez que durante meses os estores estiveram fechados para que não se percebesse se estava alguém lá dentro.

Micaela tem dezenas de vídeos documentados ao longo do tempo. Num deles, de 2016, a vizinha agride a mãe com um pau, deixando-lhe a cabeça ensanguentada. Também partiram o contador da água, janelas e pintaram outras de vermelho. A situação complicou-se quando a mãe de Micaela desenvolveu um transtorno obsessivo-compulsivo. Faleceu no ano passado e a jovem ficou sozinha. No quintal ocupado, um papel tem uma mensagem “Não há ouro nem carteiros para roubar”. De acordo com Micaela, a vizinha acusou a mãe e uma amiga de família de roubos nas casas onde trabalhavam nas limpezas. Na sua página do Instagram publicou mensagens de áudio da vizinha, gravadas em Julho de 2020. Não deixam grande margem a interpretação: “Estava habituada a andar no mato, mas aqui na minha casa não há matos!”, ou “ela mexeu com o fogo, vai ficar mais preta do que é!”. O PÚBLICO tentou contactar a vizinha, sem sucesso.

O conflito dura há anos. Em 2005, o senhorio dos pais de Micaela dei-



“Mexeu com o fogo, vai ficar mais preta do que é!”, disse-lhe a vizinha

xou-lhes em testamento três habitações na Lourinhã, fazendo o quintal parte de duas delas. O pai, português, morreu em 2015, passando duas das propriedades à mulher e à filha e a outra a um filho de outro casamento. O filho vendeu a casa a outro homem, que por sua vez a deu à sua mãe. “Ela já estava aqui desde o Verão de 2015”, conta a jovem.

E os problemas começaram. A vizinha e a família começaram a ocupar ilegalmente o quintal da casa de Micaela. A acção gerou conflitos pautados por insultos racistas e ameaças a Micaela e à mãe, moçambicana. A violência tornou-se constante. “Ela batia na minha mãe, insultava-a. Chegou a escrever ‘queques queimados’ na persiana do quarto, coisas assim do género. Chamava-lhe puta, preta. Dizia que tinha um saco com cabelos da minha mãe e gabava-se disso às pessoas”, desabafa. Defende que muitas das agressões são motivadas “também por inveja, por uma preta ter herdado e ela não”. Isto porque são parentes afastadas por parte do pai, natural da Lourinhã, embora não se conhecessem até à mudança.

O medo tomou conta

Desde o início que tem pedido auxílio à GNR da Lourinhã, que diz ter sido ineficiente. “Eles vinham cá, sim. Falavam connosco e com elas. Vinham aqui e diziam que elas tinham dito que não tinham feito nada, e que tinhamos seis meses para apresentar queixa. Ela [a vizinha] insistia que não tinha sido ela. A minha mãe acabou por desistir das queixas porque percebeu que não ia acontecer nada”.

A GNR salientou ao PÚBLICO que houve “um foco de conflito entre os referidos vizinhos, eventualmente relacionado com a disputa por uma parcela de terreno, o que justificou a apresentação de diversas queixas, de ambas as partes.” Sempre que houve queixas, as patrulhas deslocaram-se ao local, “nunca tendo presenciado qualquer crime”.

O medo constante da violência condicionou a vida da família. “Não passo na rua de trás desde 2015 porque tenho medo dela. Os ecoportos são ali e quando eu estava aqui sozinha cheguei a pôr o lixo na rua às 4h da

manhã, para me certificar de que ela não me apanhava!...”, desabafa.

Em 2016, a vizinha colocou um portão no quintal, impedindo Micaela e a mãe de utilizá-lo. A medida motivou um processo em tribunal que terminou em 2018. A sentença reconheceu a pertença do espaço a Micaela e à mãe, a vizinha foi condenada a restituí-lo e foi permitida a construção de um muro que o delimitasse. Tal acabou por não acontecer. Segundo Micaela, a advogada disponibilizada pela Segurança Social nunca chegou a informar a vizinha da sentença, que acredita que é tudo falso e que a jovem está a inventar.

No final do ano passado, quando a mãe faleceu, a jovem mudou-se para uma residência em Lisboa, onde estuda. Quando a pandemia de covid-19 se alastrou, em Março, viu-se forçada a regressar a casa, onde a situação se tornou insustentável.

As queixas e pedidos de ajuda a outras entidades eram frequentes. “Comecei a mandar e-mails. Que eu tenha ideia, mandei para o Ministério da Justiça, para o Ministério da Administração Interna e para a Presidência da República”, diz. As queixas foram remetidas para a ABAV [Associação Portuguesa de Apoio à Vítima], que foi incapaz de solucionar o problema. “A minha mãe já tinha ido lá em Julho de 2018 e eles explicaram-me as formas de fazer uma queixa. A minha mãe disse que já sabia fazer as queixas, mas que elas nunca avançavam. Eles perguntaram o que podiam fazer, e a minha mãe pediu que a ajudassem a encontrar uma casa em Lisboa. Eles disseram que isso não podiam fazer, e ela foi-se embora”, diz.

Actualmente, Micaela está em casa de uma amiga que a pôde acolher. Consegiu consultas gratuitas num psicólogo e está a angariar fundos através de uma plataforma de crowdfunding para uma advogada privada. Afirma que vai prosseguir com processos com o intuito de reaver o acesso ao quintal e assegura que a vizinha já está informada da sentença anterior. Acima de tudo, deseja que ela lhe ganhe respeito e protecção da violência e das agressões que lhe marcaram a adolescência. **Texto editado por Ana Fernandes**